



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 27 de Dezembro de 1980 * Ano XXXVII — N.º 960 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ANIVERSÁRIO

Em 7 de Janeiro a Obra da Rua faz quarenta e um anos. Dois após, ouvi falar de Pai Américo, mas não me apercebi da Obra. Só outros dois volvidos, pel'O GAIATO que possuí desde o número 1, vim a conhecê-la e a comecei a amar. Porquê? O que é que nela me atraiu e atrai a multidão imensa dos que a amam? Penso que a Verdade. Cristo é a Verdade. Todo o que é da Verdade, é testemunha de Cristo. Torna-se, por Ele e com Ele, polo de atracção. Revela-O. Sugere a Sua presença. Necessita-a. Porque sem Ele, não quero dizer que os homens caíam na mentira, mas não emergem da banalidade. Só por Ele e com Ele se creditam.

O trecho que abaixo trans-

crevemos — e propositadamente no fim, para deixar em todos um sabor de beleza, um convite à profundidade — é do segundo volume do «Pão dos Pobres» cuja reedição agora nos ocupa. É um documento da fundação da Obra, quando a pequenina casa e quinta onde ela começou era já um passo consumado, mas assente ainda, e só, no santo atrevimento de quem age por determinação da alma impelida pelo sopro do Espírito, livre de todo o cálculo que a prudência humana aconselha.

A Casa de Miranda do Corvo fora, pois, comprada sem dinheiro... e sem dúvidas de que ele viria — e todo quanto fosse preciso pelo tempo em fora — do Senhor que chama e, se chama, provê, até à

perfeição do Seu projecto.

Quando o homem se compromete com Deus, Deus compromete-Se com ele, em Cristo. Não há obstáculos à missão quando o querer do homem é vector com a direcção e sentido da Vontade do Pai. De uma pedra faz Ele um filho de Abraão; de poucos pães e peixes, o suficiente para saciar multidões; de um peixe tira a moeda do tributo; e se o discípulo precisar de andar sobre as águas ou de arrear montanhas, isso acontecerá. Dele basta a fé e a sintonia com a Vontade revelada; de Deus virá todo o poder, toda a paternidade, toda a fecundidade... tudo! Tudo, não por milagre, mas na órbita da Providência que é o «milagre» permanente do amor de Deus pelo Homem, dom absolutamente gratuito; mistério sempre escondido até ao dia de nos vermos face a face. Esta a Fé de Pai Américo, o segredo da sua eficácia. Porque nunca endeusou o dinheiro, antes o colocou sempre na sua condição servil, pôde ele dizer (e quarenta e um anos chegam para demonstrar!): — «Nunca andei atrás do dinheiro; o dinheiro é que anda atrás de mim!» O dinheiro, sem dúvida preciso, que não cai do Céu espectacularmente, mas «há-de sair todo das algibeiras de quem no tem». O que proporciona a mobilização de muitos homens para o projecto de Deus. O que é oportunidade de Graça para muitos. O que é fazer o bem, promovendo-o, repartindo por todos o direito e a alegria de colaborar.

Doutrina certa. Doutrina prática. Arrancada à Teologia para a transformar em Vida. A Salvação é para todos, não para privilegiados. E o Homem salva-se, amando. Por isso Pai Américo levou a vida a repetir em palavras e gestos o grito de S. João de Deus: «Fazei bem às vossas almas, dando». Por isso a lisonja não cabe no seu modo de pedir: «Não que eu tenha confiança em ti, mas sim porque sei a Quem sirvo e conheço Aquele em quem acredito». Só um homem possuído pela Verdade, poderia encontrar força para romper com a rotina, a ponto



Filhas do Manuel Lopes, no Rio de Janeiro — presença longínqua no aniversário da Obra da Rua.

de, embora então ainda pouco e mal conhecido, não hesitar na estratégia que o impôs sobre todas as forças adversas e o consagrou na consideração de toda a gente.

Pai Américo é verdadeiramente discípulo, porque, como o Mestre, ama os homens sem discriminação: «O nosso labutar de cada hora, em prol das classes humildes e sofredoras, não é tanto para aliviar como para cristianizar». Cristianizar os que precisam e os que podem. Aliviar, sim, as classes

humildes e sofredoras, para que elas subam, pela fraternidade dos homens, à certeza da Paternidade amorosa do nosso Deus. E dar aos que possuem bens, uma oportunidade de justificação, estimulando-os à prática da Justiça. O amor de Deus e do Próximo, «em obras, em verdade», é a Justiça do cristão, pois que nele consiste toda a Lei de Deus.

«Nós queremos ser o semea-

Continua na 3.ª página

«Começou hoje a primeira semana do terceiro e último turno das Colónias dos gaiatos que no fim se hão-de despedir do povo e do lugar, porquanto o ano das festas do Centenário também é de festa para os nossos catraios: inauguraram eles a sua nova Casa em Miranda do Corvo, cercanias do rio Dueça, serra da Lousã à vista. Eles já o sabem; e o «eh pá! temos uma quinta» é frase que passa em alegre esfregar de mãos!

Chama-se a Casa do Gaiato Pobre e hei-de explicar-te melhor a finalidade dela, quando te for pedir o dinheiro para a pagar. O qual dinheiro há-de sair todo das algibeiras de quem no tem.

Eu vejo antecipadamente, na palma da minha mão, as quarenta notas de conto feitas no Banco de Portugal. Não que eu tenha confiança em ti, mas sim porque sei a Quem sirvo e conheço Aquele em quem acredito.

Nesta hora amargurada de receios, de dúvidas, de inquietações, de incertezas, faz bem à alma da gente ouvir e ver realizado no mundo o atrevido e enérgico scio cui credidi et certus sum do apóstolo S. Paulo.

O nosso labutar de cada hora, em prol das classes humildes e sofredoras, não é tanto para aliviar como para cristianizar. Nós queremos ser o semeador que passa a lançar intencionalmente, silenciosamente, o grão de semente nas almas, como o lavrador nas geiras; e o nosso Bom Deus dar o crescimento em tempo oportuno.

O germinar, o crescer, o florir, o frutificar da planta — nada é da conta de quem semeia na terra... nem nas almas.

Desejaríamos que as nossas palavras fossem carvões acesos, desssem às almas o alerta da vida e a compreensão de que a eternidade não é de maneira nenhuma aniquilamento ou fim, mas é antes a posse de si mesmo no gozo absoluto do bem que cada um faz, sem mescla de sofrimento.

É este pensamento vivo e vivido que nos força a dar às Colónias a forma cristã e a terminá-las sempre com sua festa Eucarística — a hora mais chela e mais feliz.»

P. Américo

AVISO AOS INCAUTOS

Sucessivos telefonemas e outras mensagens nos têm alertado para peditórios na via pública a favor desta Casa do Gaiato de Lisboa ou da Obra do Padre Américo. É preciso que todos saibam que é falso, pois não recorremos a tais processos.

Convidamos todos os Amigos a passarem a palavra e, se for caso disso, alertarem a Polícia. Os nossos únicos representantes, aliás devidamente credenciados, são os pequenos vendedores de O GAIATO, que não pedem mas se limitam a vender o nosso jornal.

Padre Luiz

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

NATAL E ANO NOVO — O Natal já passou e é sempre uma data cheia de felicidade, em nossa Casa.

Agora, vem lá o Ano Novo. Algumas famílias dos nossos rapazes gostam de os ter consigo e vão passar o fim d'ano com elas. Outros ficam por cá, também divertidos. É o desporto e a música.

No fim d'ano haverá atletismo e actuará o conjunto musical. Estas provas desportivas e a música são uma alegria!

Desejamos um bom Ano Novo para os nossos leitores.

FESTAS DE NATAL — Os nossos rapazes, sob a direcção artística do Padre Abel, já realizaram quatro espectáculos em igual número de empresas — durante a quadra natalícia.

Vamos, todos os anos, actuar em fábricas (segundo dizem, em 1981 será, também, no Coliseu). Não faltam lugares onde nos acolham com bondade e carinho!

As actuações da malta, nas fábricas, são um sucesso! Eles vêm sempre contentes e cheios de alegria!

BLACK & DECKER — O departamento de Marketing da firma Black & Decker ofereceu à nossa carpintaria um conjunto de ferramentas no valor de umas dezenas de contos. Oferta muito jeitosa, que irá ajudar os nossos carpinteiros em suas tarefas de formação profissional. Em nome deles, muito obrigado.

OBRAS — As obras na casa três estão a andar bem. O primeiro andar ficará uma categoria! E, claro, o rés-do-chão será de igual modo.

Quanto mais depressa as obras ficarem prontas, melhor. A malta suspira por noites repousantes!

OFFSET — Com a chegada da nova máquina offset sentimos necessidade de mais trabalho de Artes Gráficas. Serviço em grandes séries, seja de publicidade (catálogos, rótulos, etiquetas, etc.) ou de escritório.

Os Amigos que nos queiram enviar encomendas, serão bem servidos. E, assim, os nossos profissionais de Artes Gráficas terão possibilidades de se aperfeiçoar tecnicamente. Sem trabalho não podemos aprender. E nós queremos ter bagagem para nos defendermos na vida — um ofício.

LIMPEZA — As folhas já desapareceram, quase completamente, da nossa Aldeia. Era trabalho duro estar sempre a varrer as ruas com toda aquela folhagem! Os «Batatinhas» estão mais aliviados e as ruas da nossa Aldeia mais limpinhas. Assim é que é!

FUTEBOL — A Académica de Espinho defrontou, em nosso campo, o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato. Foi uma tarde de bom futebol, pois a Académica tem razoáveis conhecimentos futebolísticos — andaram pelo estrangeiro... E poderá ir mais além, visto possuir uma equipa com muita garra.

Justifica-se o empate 3-3, chegando a nossa equipa — que não ficou atrás — a vencer por 3-1.

O treinador colheu boas impressões do nosso onze e, quando formos a Espinho, faremos um bom resultado, se os guarda-redes quiserem...!

«Salsichas»

Setúbal

BARRACAS — Nós temos visto a cidade crescer em prédios altos e vistosos. Lá ao fundo, pequeninas casas velhas, de tábuas e latas, pequenos pigmeus à espera de serem esmagados pelos monstros do progresso.

Nós sabemos que os habitantes daquelas casitas não podem ir morar para os prédios altos. Então, ir-se-ão afastando para mais longe, armando essas barracas por via de outros se instalarem, por via de outros senhores terem mais prédios, mais rendimentos.

Nós, os que temos um mínimo de conforto, ouvimos chover dentro dos nossos leitos e nem sempre nos lembramos desses outros que têm que colocar alguidares ou painéis para aparar as pingas que entram por entre as latas e tábuas. Como podemos nós dormir descansados?!

VITELOS — «Venha ver, venha ver!» — Foi assim que mais do que um nos veio chamar.

— Mas o que é, rapaz?!

— Nasceram duas, nasceram duas!

E lá fomos arrastados até à maternidade da vacaria. Ali compreendemos o entusiasmo e a admiração destes pequenos: uma vaca tinha parido dois vitelos.

É sempre motivo de alegria quando nasce uma cria. Mas desta vez causou admiração aos nossos. Nasceram dois gémeos! Eles ficaram a saber melhor porque é que o Albino mal-lo Julião são gémeos.

QUADRO DE NAZARÉ — Eu andava no andar cimeiro da casa-mãe. Ouvi um coro desafinado de oração e fui ver. Que belo quadro! Era na sala de jantar, a lareira estava acesa. Ao redor dela um grupo dos mais pequenos, todos sentados, aprendia a rezar o Pai-Nosso e a Avé-Maria. Marcolino era o mestre. O dia estava chuvoso e o chefe aproveitou-o bem aproveitado. Lembrou-me bem o quadro de Nazaré.

O NOSSO BISPO — Não se tem esquecido de nós! Como nos prometera, ele vem cá celebrar connosco. Não diz nada a ninguém. Ele sabe a hora e vem. A surpresa também nos faz bem. Celebramos, conversa connosco, toma o café à nossa mesa, e depois lá vai ele estar com outras ovelhas do Rebanho.

SAPATOS — Ninguém sabe o que é calçar tantos pés! O Silvério, que toma conta do calçado, é que se vê e deseja!

Noutro dia entrei e vi discussão. Mas que é que ele há-de fazer para contentar tanta gente?! E agora é Inverno e não podemos trazer os nossos descalços. É, como se costu-

ma dizer: «Em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão».

DESPORTO — Fausto é militar na Marinha. Nos fins de semana vem sempre. Ora ele gosta de desporto e toca de se fazer treinador dos outros. Ontem soube que houve grande prova de resistência. Isto é importante para a forma da equipa.

Augusto, um dos da equipa de futebol, veio ter comigo para avisar os leitores de que não têm vindo grupos jogar com a nossa equipa. Aqui fica o pedido do Augusto e doutros: os clubes ou grupos particulares que queiram medir forças com os nossos — comuniquem.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Para o recoveiro dos Pobres, para os cristãos, todos os dias são Natal. Jesus nasce, vive e morre, diariamente, marginalizado em tantos presépios por esse mundo fora, quiçá a nosso lado, no mesmo lugar, na mesma freguesia, no mesmo prédio...!

É a Viúva que precisa estender a mão para que os filhos não morram à fome, ela siga uma linha cristã e tenha que acudir à saúde da prole.

— Que a traz por cá?

Vinha de cabeça baixa, face triste, uma lágrima furtiva nos olhos. A miséria e a dor!

— Tenho o meu filho doente! Fui à hospital. Precisa destes remédios, que não há na farmácia. São muito caros e, para ir a Paredes comprá-los, não tenho dinheiro. Eu não tenho dinheiro...!

Pobre sociedade, pobre País, pobre burocracia, pobres leis que obrigam uma Viúva jovem a ter que pedir dinheiro — que o dela está parado na Caixa... — para salvar um filho!

Nestes casos específicos, os próprios hospitais deveriam abonar os medicamentos. Não seria favor nenhum. Mas um acto de justiça!

Por estas e por outras somos os *campesões* da mortalidade infantil, na Europa! E, para tomarmos conhecimento da terrível calamidade, não são precisas estatísticas, congressos, seminários, simpósiums. Basta ver, na prática, omissões que bradam aos céus!

É por causa destas crianças, dos Pobres, que Jesus Se humilhou a nascer na manjedoura de Belém, para que os homens de boa vontade abram os olhos da alma todos os dias...

● Maria não teve onde reclinar a cabeça para dar à luz o Deus Menino e foi na manjedoura. Quantos homens iguais a nós, filhos do mesmo Deus, nossos irmãos, a viver em pocilgas, em barracas, em bairros de lata — por não haver casas?!

— Corremos *seca e meca* e só arranjamos uma *loja* pequenina. A gente cabe lá perfeitamente, mas a renda é tão cara que ia o ordenado

todo! Se não agarramos a *loja*, para onde é q'a gente vai...?!

Seria mais um presépio, mais uma barraca, mais uma pocilga...

— Alto lá! Vamos ver o que poderemos fazer.

— Se V. nos botarem a mão...! É um jovem casal. São dois contos por mês — de conta dos nossos leitores. Botámos a mão, sim senhor. Estão em sua casa. Vivem pobres, mas felizes. E dão graças a Deus!

● O recoveiro dos Pobres não pode negligenciar situações que venham prejudicar os próprios trabalhadores — por ignorância dos seus direitos — e depois seriam pesado fardo para as comunidades.

É sintomático o trabalho dos cientistas nos domínios da Medicina preventiva...

Um caso típico, entre muitos a quem damos a mão:

Já na curva da vida, um homem marcado pelo analfabetismo exerce profissão liberal. Num próximo futuro, não teria onde cair morto, nem ajudas muito fáceis... Reside em lugarejo recôndito, entre pinheiros e mato, de freguesia próxima, que só na última década evoluiu um pouco mais.

Um dia, já lá vão quatro ou cinco anos, prevendo o que seria um grande mal, puxámos o nosso homem à razão.

— V. precisa de se inscrever na Previdência.

Compreende. Inscreve-se. Faz os descontos. E, oportunamente, que os anos não perdoam, requer pensão de reforma, já deferida — qual *parta* difícil.

Hoje, aparece com alegria esufiante, mãos trémulas, muito confundido.

— Vou arreceber um ror de contos!

— São os atrasados...

Nunca viu tanto em suas mãos! Os Pobres ficam naturalmente confundidos com a abastança. E se uns têm tino, outros não...

— Como não precisa, agora, do dinheiro todo, vá guardá-lo no Banco...

— Pois vou, sim senhor. A gente nunca sabe como será o dia de amanhã!

● É um trabalhador rural, aposentado. Sente, como poucos, o analfabetismo. «*Que pena ser tão analfabeto!*» Quem fala com ele, porém, não dá fé. Revela-se com uma certa cultura; desenvolve uma conversa penetrante; e não lhe são estranhos os problemas do País — a nível local e nacional. Fora de série! No entanto, um ponto há em que dá lições: a sua fé viva e consciente! Temos partilhado horas de profunda espiritualidade e aprendido muito de quanto o Senhor revela aos humildes pela Sua Graça. Se tivéssemos engenho e arte, mesmo um gravador, veríamos como este homem simples, de mãos calejadas, sempre com um sorriso nos lábios!, é um mestre de vida espiritual para nós outros — pecadores.

Mais uma vez se acerca de nós por mor de um problema de justiça social. Neste campo tem um sentido muito apurado. Dá lições a muitos cristãos que se fecham em copas e

esperam que ela, a justiça, caia do céu aos trambolhões!

Em tempos, uma pobre mulher, velha e só, encostada a uns familiares, já estava «*a ser pesada demais*». O nosso Amigo ouve a queixa permanentemente; até que um dia seria abandonada como filha das tristes ervas. Mas «*alto lá!*» Desgostoso pelo comportamento daquela gente, fala à sua prole e salva a velhinha da solidão. Trá-la para casa, onde come do seu caldo e veste-a com a mesma roupa da esposa — sem qualquer exigência! É da família. Uma família cristã.

Entretanto, os anos passam. Vê hipótese de inscrevê-la na Casa do Povo, já que «*foi sempre trabalhadora dos campos*». Num apurado critério de justiça social — «*se há direitos não podemos desperdiçá-los...*» — requer, oportunamente, a pensão de reforma da pobre mulher. Agora, porém, como é trôpega — anda sempre atento ao que se passa! — ele vem ter connosco para se requerer o suplemento de amparo — «*que saú num decreto*».

— Ó homem, V. é fora de série!

— Não sou... Quando os alicerces são bons, o edifício não cai... O que é preciso, meu Amigo, é que os alicerces sejam bons... Temos obrigação de cumprir o que vem nas Escrituras! Não somos cristãos?!

PARTILHA — Coimbra, 3.000\$00 destinados «a uns bolos para uns velhinhos da Conferência — por alma de meus pais Helena e João». Ainda de Coimbra, Rua Ferreira Borges, 500\$00, habituais nesta quadra. Mangualde, um «resto para a Conferência», de contas em dia, pois «*tinha feito o propósito de mandar todos os meses cem escudos e não o tenho feito, mas tentarei mandar mais alguma coisa antes do Natal*». Rua Tomás Alcaide, Lisboa, 500\$00. «Uma lisboeta presente com o dobro para auxiliar um pouco a consoda dos nossos Irmãos, desejando-lhes um santo Natal de paz e amor». Outra vez Lisboa:

«*Envio 2.000\$00 para a Viúva jovem a que se referem no jornal de 30/11/80.*

«*Que o Senhor a ajude e outros se lembrem dela, para minorarem o seu sofrimento como Viúva e Mãe. Bem hajam.*»

Assinante 8492, do Porto, 200\$00. Metade da assinante 25037, de Paço de Arcos. Mais Lisboa, 200\$00 da Rua da Lapa. O mesmo de Sílvia. Rua da Cedofeita, Porto, 250\$00. Rua Nova do Calhariz, Lisboa, 1.000\$00. Rua Costa Cabral, Porto, 300\$00. O mesmo d'algueres, isto é, «um pouquinho mais para ajuda (muito pequenina) da ceia de Natal». Vila Nova de Cerveira cheque dividido com um pedido de «orações para que o Espírito Santo ilumine e aponte os rectos caminhos da vida aos meus filhos». É uma súplica de todos os pais cristãos!

«Uma portuense qualquer», tendo descoberto a estrada da Conferência continua a marchar; desta vez com 500\$00 «migalhinha de Novembro



Partilhando

● O «Irmãozinho» é o mais velho dos quatro irmãos. É também o mais simpático, sem esquecer o Ricardito que é o mais novo. Dão-se todos muito bem, excepto quando jogam à pancada. É o caso de hoje. Um dia destes, o Adão, que, na idade, está no meio do Ricardito e do «Zig-Zag», rebojava-se na avenida em altos gritos. O «Irmãozinho», acusado por ele de lhe ter tirado qualquer coisa, negava a pés juntos que não e por isso lhe bateu. Para nós, uma questão de «lana caprina» — expressão tão usada pelo meu professor de filosofia — que significa algo sem importância. Para eles não era assim! E tanto não era, que tudo ali estava, jogado no chão... E quem ver o desfecho? O Adão já de pé e a falar em tom severo, diz para o irmão — o «Irmãozinho»: — «De hoje em diante não sou mais teu irmão...» Alguém do lado, diz: — «Então, somente primos, é?»

Eles sorriram e lá foram sossegadamente a conversar!...

Entretanto, um senhor visitante, que já cá não vinha há bastante tempo, desabafou assim as suas impressões sobre nós: — «Gostei de ver tudo, mas o que me impressionou e não gostei de ver foi uma cena de pancada entre dois rapazes».

— Somos uma família grande e entre nós tal problema não é problema de maior. «Irmãozinho» e Adão — irmãos de sangue!

Ontem veio vê-los a mãe. Houve uma cena de lágrimas e saudades. Isto não era costume. Estranhei muito tudo aquilo. O «Irmãozinho» foi o causador! Queixava-se à mãe de que o seu chefe o iria castigar se ele não fizesse bem a limpeza da casa. Prometeu, só. Promessas... Vivemos num mundo de promessas! Se são boas, custa muito quando ficam por realizar. Se são más, só isso, custa tanto! O nosso

caso era promessa como força de expressão, de obrigação! Que eu saiba, as vassouras, cá em Casa, partem-se nas «costas» do trabalho. Nas brincadeiras, fora do tempo e do lugar. Ai, meu «Irmãozinho», que até o Ricardito chorou! E o Adão, mais uma vez, chorou por causa de ti! A força do sangue! A mãe — a razão verdadeira! A vassoura partida — a falsa razão! E chorar por nós e pelos nossos, é um acto saudável e humano. É até uma parcela do Caminho da Cruz!...

● Agora, para variar e amenizar e ir bater a mesma tecla, vamos falar do Alexandre, que tem 7 anos, não sei se já feitos. E também por mau uso das vassouras. Há quem venha, repare e critique os «bordados» da aranha. Nem os do Minho são tão perfeitos!... Mas a existência de tais «bordados» são uma perfeição de trabalho irracional ao lado da nossa imperfeição. Ora, o

(250\$00), que acrescento com igual importância, visto estar a aproximar-se o Natal e, nesta quadra, as despesas são maiores — como é natural». Rua Capelo, Lisboa, 300\$00 «para um vicentino visitar os Pobres no dia do Senhor». 250\$00 de Gaia. E 400\$00 de Guilhabreu (Vila do Conde).

Agradecemos e renovamos os votos de santo Natal e Ano Novo.

Júlio Mendes

Tojal

CALÇADO — Tenho insistido com o João quanto à necessidade de dar notícias aos leitores sobre o calçado. Têm, de facto, chegado sapatos de todo o tipo. Bastantes novos, a estreitar. Também botas de borracha muito úteis para os serviços agrícolas e de limpeza. Acho importante dar-vos conta disto porque não devemos recorrer a estas colunas só para pedir ou convidar à partilha. Também para agradecer e demonstrar como há solidariedade, há acompanhamento, há família.

É evidente que todo o calçado que mandarem nunca será demais. São muitos a gastar e depressa, apesar dos esforços dos responsáveis para prevenir e educar.

Aqui fica a nota e o nosso obrigado muito sincero.

GASADOS — É realmente grande o significado da visita dum rapaz já lançado na vida. São horas de matar saudades, de reviver bons momentos, até mesmo os maus, com o que de bom têm sempre.

Em conversa breve com o Vitorino, que por aqui passou hoje, ficou-me aquilo que muitos outros têm dito: as diferenças do seu tempo para o de hoje; melhores condições de habitação; mais fartura; mais bem-estar; muitas outras coisas mais e para melhor. Não o refere com mágoa. Antes com alegria.

É a lei natural da vida e aqui uma condição. Trabalhar para os vindouros. Deveria a todos nós, Rapazes, alegrar-nos esta missão. Fazer a cama para outros aproveitarem do bem aquela que nos foi legada. Isto dentro das devidas proporções, tudo com regra, respeitando e concorrendo para o bem daquilo que é propriedade comum. Creio que também por aqui passa a «descoberta da nossa própria consciência». Sejamos Homens. Oportunidades não nos faltam e quem nos queira ajudar também não.

ANO NOVO — Aproveito para, em nome da Comunidade do Tojal, desejar a todos os Amigos, as maiores felicidades no Novo Ano que se aproxima. Será mais um ano de trabalho e de luta, certamente. Mas que o seja também de vitórias e alegrias. Que cada um não se veja na contingência de só poder contar consigo próprio. Que o nosso País seja uma família harmoniosa.

Jorge

MIRANDA DO CORVO

FILHOS SEM PAIS — Amigos: escrevo a segunda vez para o nosso jornal. Da primeira vez quis dizer-vos quem sou. Também vos falei de alguma coisa da vida cá de nossa Casa.

Agora venho falar para os pais e mães, que muitos deles não devem saber o que é um filho sem pai nem mãe. Amigos: Já não vou falar de todos, que teria muito que contar e escrever. Falo de mim. Tenho mais seis irmãos e os meus irmãos tiveram de ir para outras casas e eu vim para aqui tinha dois anos. O nosso pai não sabemos quem é. Minha mãe foi uma escrava dos homens que abusaram dela. Morreu em Lisboa.

E é por isso mesmo, por não sabermos a vida amarga dos filhos sem pais, é que pais geram e continuam a criar filhos sem destino, sem

modos de vida. Depois por não terem condições de amor, abandonam-nos. Se não houver Casas como esta para onde irão? Dormir para palheiros de tábuas, papéis e plásticos? Apanhar chuva e frio? Vamos pelos campos e vales comer migalhas de pão como os passarinhos ou os ossos que roem os cães? Vamos p'ros caixotes do lixo como têm ido tantos outros?! Não! Se viemos ao mundo foi para vivermos como irmãos e não como lixo. Foi por ver tantas misérias destas no mundo que houve alguém que quis ser pobre e sacerdote e ir pelas ruas de Coimbra e outras a pedir pão e vida para crianças, jovens, velhos, pais e doentes abandonados. Dando a vida, fundou Casas e a Obra que é hoje. Obra para fazer rapazes e homens. Homens de grande valor. Obra familiar, sem idade para sair, como nas famílias. Obra que no próximo dia 7 de Janeiro vai fazer, nesta nossa Casa de Miranda do Corvo, 41 anos.

VISITA AMIGA — Há poucos dias tivemos uma visita amiga. Passando à nossa porta a senhora D. Manuela Ramalho Eanes, esposa do senhor Presidente da República, quis visitar-nos. Encontrou-nos na sala da televisão, onde temos boa lareira. Conversou connosco e, vendo os nossos mais pequenos, lembrou-se dos seus filhos Manuelito e Miguelito e teve muitas saudades deles. Como era hora da nossa merenda a senhora D. Manuela Eanes aceitou e comeu connosco. Como todos os amigos, comeu do nosso pão e das nossas azeitonas e bebeu do nosso vinho. Gostou muito e prometeu que havia de cá voltar com mais tempo. Não esqueça a visita que nos prometeu!

A saída entrou na nossa Capela e rezou. Ofereceu a Nossa Senhora um ramo de flores muito bonitas que lhe tinham oferecido. Pediu as nossas orações e partiu ainda para outras terras. Gostámos muito da visita e a senhora é muito simpática.

Desejamos à senhora e a todos os portugueses boas Festas de Natal.

Tonito

edifício da nossa Capela, com o tecto alto e a humidade a entrar, criou teias de aranha nos cantos superiores. Um dia qualquer, depois de uma ter caído durante a oração da tarde, o Alexandre veio protestar assim: — «Então, quando é que se tiram aquelas teias de aranha da Capela?» São palavras tal e qual, ele as disse a franzir as sobrancelhas, de aborrecido! Já muita gente tinha reparado naquilo. Criticado e chamado a atenção. Em vão. Ao outro dia, uma missão

especial, com escada e vassoura, foi limpar as teias, de propósito. Manuel Pinto estava presente e desabafou: — «Se não fosse eu avisar, ninguém se lembrava de limpar aquelas teias». Não, eu não sabia do seu aviso e não lhe dei qualquer dividendo no mérito. Tudo inteirinho para o Alexandre. Para nós, os adultos, só ficaram as teias de aranha de que somos grandes culpados. E a vergonha do reparo. Mais nada!

Padre Moura

O terceiro volume do livro «DOCTRINA»

As malas de correio trazem, até nós, verdadeiros tesouros espirituais!

O 3.º volume do livro DOCTRINA, de Pai Américo, motiva uma procissão de Amigos com ressonâncias que nos confundem — pela grande força da Verdade!

Na edição anterior, e à laia de introito, sublinhámos que, pela ânsia incontida de muita gente, d'alma cheia pela Mensagem que Pai Américo expressa, a seu modo e de que formal, no 3.º volume do livro DOCTRINA, não são capazes de ficar quietinhos como estátuas e saltam para a rua pregar o Evangelho dos Pobres. Não sem pedir quantidades de todas as obras de Pai Américo e da nossa Editorial.

Despachamos, diariamente, requisições para todas as comunidades lusitadas. Somos já 150 milhões a pronunciar a mesma Língua!

O nosso Padre Carlos quando abre o correio, por suas mãos, não deixa de acentuar urgências. «Mandar já!» E aquele já soa que nem um vulcão!

Entre a procissão que caminha à nossa frente, vamos catar uma ou outra presença que salta mais aos nossos olhos pecadores.

Mangualde:

«Não tenho palavra para descrever o livro DOCTRINA tal como todos os outros de Pai Américo! São de uma riqueza

incalculável, verdadeira Doutrina sempre actual.

Infelizmente, passados mais de trinta anos sobre estes escritos, temos casos idênticos — quando se fala tanto no Povo e no bem desse Povo. Afinal o Povo continua a sofrer, na carne, a má distribuição dos bens, pois cada vez há ricos cada vez mais ricos e Pobres cada vez mais pobres.

Enquanto puderem, editem, editem mais livros de Pai Américo. Eles são um grito dos mais necessitados, que um dia terá de ser ouvido — para ser feita Justiça.»

Aguilva (Cacém):

«Agradeço toda a ajuda que nos dão através do nosso grande O GAIATO como dos livros que publicam.

O 3.º volume do livro DOCTRINA — de Pai Américo — leva o mesmo caminho dos restantes: Montreal (Canadá).

Tenho esperança que da sua leitura algumas sementes cairão na terra. É preciso mostrar aos mais novos que a vida não é só matéria, como também nós não somos o centro do mundo; os nossos irmãos também fazem parte dele. Infelizmente é isto que raramente nos lembramos!...

Lisboa:

«O terceiro volume do livro DOCTRINA é uma maravilha! Lembro-me de ter lido estes artigos no jornal O GAIATO.

Em minha modesta opinião, Padre Américo foi um génio. Ele não foi somente um «bondoso sacerdote» — como dizem e escrevem muitos ignorantes. Deixou escrita, no seu jornal, uma espécie de epopeia dos Pobres, com a qual galvanizou os portugueses. O seu estilo é único, inimitável. Foi, talvez, um dos mais eloquentes escritores depois de Camões. O artigo (ao acaso) «Pobres», a pág. 100 deste 3.º volume, emocionou-me mais do que tudo quanto tenho lido, por exemplo Eça de Queirós (salvo o devido respeito por este grande escritor).»

Viséu:

«O livro DOCTRINA, da aucaça um faz.»

Padre Carlos

Continua na 4.ª página

ANIVERSÁRIO

Continuação da 1.ª página

dor...» «Nós desejaríamos...» Quarenta e um anos depois, como estas palavras soam a Verdade, à verdade cumprida mediante uma experiência íntima de Cristo que, por palavras e obras, Pai Américo quis comunicar a outros, a muitos, a todos! Feliz o homem se, aqui e agora, vai compreendendo que a Eternidade já começou, a partir da «posse de si mesmo no gozo do bem que cada um faz».

Ser Mãe sózinha

Agência noticiosa, em despacho do Luxemburgo, refere os apoios de países europeus a mães de família que vivem sós. Transcrevemos um estrato, com a devida vénia:

«Nos últimos anos têm-se desenvolvido, em diversos países, formas de ajuda à mãe de família que vive só com os filhos, quer seja separada, viúva ou solteira.

O Conselho Nacional das Famílias com Um Só Responsável calcula que, só na Grã-Bretanha, 850 mil pessoas têm a seu cargo um milhão e meio de crianças; as quais, até há pouco, não existiam nas estatísticas oficiais. Um terço destas famílias não consegue fazer esticar o orçamento até ao fim do mês.

Só ultimamente foram conhecidos, pelas instâncias oficiais, os pontos de vista do National Council For One Parent Family, fundado em 1918.

A situação da viuvez, ainda que socialmente mais dignificada relativamente à de separação ou maternidade celibatária, implica para muitas mulheres grandes dificuldades. A crise moral soma-se a crise material, mais grave quando restam filhos para criar.

Neste momento, em Inglaterra, a Associação Nacional das Viúvas propõe, entre outras medidas, que os subsídios de viuvez sejam livres de impostos.

Por sua vez, a França acaba de aprovar uma lei segundo a qual as viúvas com menos de 35 anos, com filhos a seu cargo, receberão um subsídio de 1500 francos (dezoito mil escudos) no primeiro ano de viuvez — a menos que o seu rendimento próprio ultrapasse um certo escalão — decrescendo nos anos seguintes, até metade, a partir do terceiro ano. Medida completada com outras da responsabilidade do Ministério da Família e Condição Feminina.

O montante das pensões familiares e, sobretudo, a irregularidade de pagamento representa terríveis dificuldades para as mães de família. Segundo a tradição europeia, em regra são as mulheres que conservam os filhos após a separação. Além do encargo de criar e educar, devem ainda responder pelo seu sustento.

Por outro lado, as mulheres auferem salários mais baixos do que os homens e, neste momento, são as mais afectadas pelo desemprego. Daí que o atraso ou não recebimento das pensões assumam, por vezes, carácter dramático, com reflexo evidente na vida material e espiritual das crianças.

Inquéritos levados a cabo em diversos países europeus mostram que as mulheres vivem mais ou menos dramaticamente a sua «solidão», consoante dispõem de meios económicos para assegurar a vida da família. No entanto, quando têm uma casa e um trabalho que as satisfaz, retiram frequentemente do viver sós tranquilidade e satisfação.

A situação de uma mulher sózinha, com filhos a seu cargo, levanta problemas que se avolumam no caso de uma mãe solteira. As dificuldades comuns somam-se outras que atingem a mulher e, indirectamente, os filhos.

Na Holanda acaba de ser adoptada uma lei que permite os filhos possam usar, indistintamente, o apelido do pai ou da mãe; possibilidade que existe na lei portuguesa após a revisão do Código Civil em 1976, sublinhada como muito importante pelos peritos da CEE, nomeadamente em casos de separação, divórcio, viuvez e ainda no caso de mães solteiras.

Na Bélgica, a Comissão Feminina do Conselho Belga do Movimento Europeu lança uma campanha para que os filhos das mães solteiras tenham os mesmos direitos que as crianças nascidas de matrimónios legítimos, pois a discriminação entre mães casadas e solteiras constitui uma violação do artigo 14.º da Convenção dos Direitos do Homem.

A Constituição portuguesa pôs termo à distinção entre filhos legítimos e ilegítimos. Consagrou, no texto, a doutrina de Pai Américo, que debateu o problema com a maior clareza e deu pistas concretas para a sua resolução — durante toda a sua vida de Padre da Rua. Facto histórico que não podemos deixar de sublinhar!

«Contudo, dado que o País detinha um dos índices europeus mais elevados de natalidade ilegítima — testemunhado pelas Casas do Gaiato — «persistem, no entanto, situações sociais que as novas leis não conseguem resolver.

As estatísticas dizem que cresce o número de mulheres que vivem sós, com filhos a seu cargo. O sistema de pagamento de pensões é precário e, de um modo geral, as pensões são baixas. Além do mais, faltam às mães de família os apoios de que necessitam para fazerem valer os seus direitos» — como já existem noutros países.

«Ser mãe sózinha em Portugal não é apenas um infortúnio. É, muitas vezes, uma condenação.»

Júlio Mendes

AQUI, LISBOA!

«A nossa Obra é uma família. O Natal é a festa da família. A ceia de Natal é vínculo.» (Pai Américo).

Escrevemos a uma semana do Natal. Quando este número de O GAIATO sair para a rua, porém, já terá passado a data escolhida para celebrar o nascimento do Salvador. Para todos os Amigos vão os melhores votos e que o ano de 1981 a todos traga paz e felicidades.

Permitam-nos duas observações, ainda que ligeiras. A primeira de repúdio pela adulteração a que está sujeita uma data tão significativa na história da humanidade, para crentes e não crentes. Mais que doçarias e comezainas, mais que festas e troca de prendas, mais do que poesia vã e palavras bonitas, importaria uma modificação de mentalidades e uma atitude de conversão, no plano individual e na esfera familiar, no âmbito societário e ao nível nacional e internacional. Ao contrário, com o farisaísmo e a hipocrisia a que estamos habituados, mais se agravarão os ódios e as desavenças, as in-

justiças e os desequilíbrios.

A segunda observação, uma antítese à primeira, levar-nos-á à exigência da coerência na vida e ao testemunho, procurado a todos os instantes, de pôr o Natal na vida de todos os dias, nos mais variados planos e sectores. Para os cristãos não haverá outra alternativa: ou dão a conhecer Cristo nas Suas palavras e nos Seus gestos, ou trairão o Natal no seu significado e objectivo. Por nós, para lá das fragilidades inerentes à condição humana, estamos dispostos a fazer de todas as horas Natal.

● Foi um dia destes. Três dos mais pequeninos apanharam à mão um frasco de comprimidos reguladores da tensão e trataram de os ingerir à tripa forra... Drogados e semi-inconscientes tiveram de ser conduzidos em ambulância ao hospital, acompanhados amorosamente pelas senhoras Professoras. Ali permaneceram durante dois dias, alvo do carinho do pessoal médico e para-médico. Regressados a Casa, inconscientes dos perigos a que se sujeitaram, foram recebidos, como é natural, com grande regozijo. O mais pequeno, de 4 anos, só dizia: «Eu só tomêi quatro pastilhas!»

Eis um facto, entre muitos,

que fazem parte do nosso permanente Natal, tal qual o concebemos e a cujo espírito desejariamos ser fiéis. O Senhor veio para servir e por isso incarnou no seio da Virgem. Quem quer, porém, viver em pleno, renunciando às espectacularidades do mundo, uma vida de renúncia e de dedicação ao serviço dos Outros? Não acreditamos na ausência de chamamentos, quer de jovens quer de pessoas já com uma certa maturidade. O que vemos e sentimos é haver muita gente adormecida ou drogada pelo materialismo da vida, fugindo aos seus próprios caminhos. Ai, Amigos, se essas pessoas soubessem como é bom e portador de felicidade e de paz o serviço dos Irmãos!

● Em ordem a facilitar a entrega dos donativos ou dâdivas destinadas à Obra, em geral, e a esta Casa do Gaiato em particular, aqui se registam, mais uma vez, os locais adequados: Secretaria do Montepio Geral, Rua do Carmo, 62; Maison Louvre, Rossio, 106; Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40; e Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8-r/c (ao Infante Santo).

Padre Luiz

TRIBUNA de COIMBRA

NATAL — Cá em Casa a senhora da cozinha veio encomendar coisas para as borrocinhas e mais. A senhora da sala de costura pediu lenços, meias e mais. Os mais pequeninos, olhando para os brinquedos que há muito estão no escritório, perguntaram se eram do Menino Jesus. Alguns andam com músicas e outras coisas de variedades para a festa-convívio. Eu já fui à procura de bacalhau. Há Natal!

Desejamos bom Natal para os Homens do mundo inteiro. Desejamos bom Natal para todos os Portugueses, sem esquecermos, dum modo especial, aqueles que vão continuar e os que vão começar a servir o Povo Português como governantes. Desejamos a Paz de Deus para aquele grupo que, pelo desastre, mudou seu estado de viver, especialmente pelos que estavam mais empenhados no bem-comum.

ANIVERSÁRIO — Em 7 de Janeiro vamos fazer 41 anos. Nesse dia, a bola de neve que vinha a ser preparada começou a rolar. No seu rolar tem apanhado milhares de homens e tem-lhes dado rumo de vida.

Que Deus abençoe este rolar da bola. Que os Homens se queiram unir como farrapinhos de neve a construir a grande bola do mundo que deve rolar para o seu Criador.

Padre Horácio

O terceiro volume do livro «DOCTRINA»

Continuação da 3.ª página

toria de Pai Américo, é mais um volume que vai enriquecer a minha biblioteca e me proporcionará uma sã e proveitosa leitura.

Poderei, assim, por alguns momentos, deleitar-me a reflectir sobre autênticas páginas de Cristianismo e, ao mesmo tempo, constatar que ainda existe algo de amor e abnegação neste mundo cada vez mais torpe e desvairado em que vivemos.

Livros como este fazem-nos acordar do egoísmo em que por vezes centramos a nossa vida quotidiana, sem nos apercebermos de que muito perto de nós há pessoas que precisam do

nosso auxílio moral e material, e impelem-nos a um benéfico exame de consciência.

O DOCTRINA faz-nos despertar e redobrar a vontade de nos tornarmos melhores cristãos.»

Lisboa:

«Eu fico sempre sensibilizada com a leitura dos livros da vossa Editorial, dos livros de Pai Américo. O meu coração fica inquieto, pois vejo neles um grito de alerta com ressonâncias muito importantes nesta hora ímpar da História do Mundo e da Igreja.»

Júlio Mendes



Tiragem média das edições no mês de Dezembro: 43.400 exemplares